



PESQUISAR EM CONTEXTOS DE EXCEÇÃO

Desafios da Comunicação Organizacional

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Isaura Mourão Generoso

Ivone de Lourdes Oliveira

ORGANIZADORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenadora: Paula Guimarães
Sub-Coordenador: Daniel Reis Silva

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal
Juarez Guimarães Dias

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Jorge Cardoso (UFRB UFBA)
Benjamim Picado (UFF)	Kati Caetano (UTP)
Cezar Migliorin (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Marcel Vieira (UFPB)
Eneus Trindade (USP)	Mariana Baltar (UFF)
Fátima Regis (UERJ)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fernanda Duarte (NCSU/EUA)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M357p Marques, Ângela Salgueiro.
Pesquisar em contextos de exceção [livro eletrônico] desafios da
comunicação organizacional / Ângela Salgueiro Marques, Isaura
Mourão Generoso, Ivone de Lourdes Oliveira. - Belo Horizonte,
MG: FAFICH/PPGCOM/UFMG, 2023.

242.p

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-67-0

1. Comunicação organizacional. 2. Cultura organizacional.
I. Generoso, Isaura Mourão. II. Oliveira, Ivone de Lourdes.
III. Título.

CDD 658.45

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2023.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Bruno Guimarães Martins
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Daniel Borges

Esta obra foi selecionada pelo Conselho Editorial do Selo PPGCOM/UFMG
após avaliação por pareceristas *ad hoc*.

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite
dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG,
disponíveis em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/termos-de-uso/>

PREFÁCIO

RENNAN MAFRA

RUDIMAR BALDISSERA

A multiplicidade de abordagens e linhagens que constitui o debate epistemológico dos saberes científicos parece convergir, dentre outros aspectos, a partir de um ponto nevrálgico em comum: a constituição e o fortalecimento de comunidades científicas. Dito por outras palavras, sem o desejo de adentrarmos numa vasta - e cada vez mais necessária - discussão sobre certas singularidades que localizam um determinado tipo de conhecimento como científico, é possível reconhecer a validade epistemológica como um atributo que emerge pelo diálogo científico sistemático, contínuo e contíguo entre sujeitos pesquisadores, voltados à verificação argumentativa de um determinado conjunto de pesquisas, reunidas por uma certa identidade de campo.

Uma comunidade científica reúne todos que se sentem afetados, de forma direta e indireta, por problemas e questões que trazem para esse grupo novos desafios que solicitam alianças e arranjos capazes de criar saídas e alternativas justas e adequadas aos interesses coletivos. O que faz funcionar esses arranjos não é apenas a experiência compartilhada, mas as táticas e astúcias elaboradas no próprio processo de constituição das alianças que reforçam os vínculos comuns. Vínculos que surgem

das interrogações, das buscas, das análises, das tentativas de buscar respostas, de apontar trajetórias antes não imaginadas e soluções configuradas de maneira plural, ainda que sempre abertas a reformulações. Um ato comum de problematização produz experiências de articulação, nas quais é reafirmada a autonomia relacional de esferas múltiplas que, atravessadas por relações de poder e por linhas discursivas diversas, podem aproximar certos gestos políticos que instituem desvios em práticas unificadoras.

No caso das Humanidades, a configuração de um espaço comum voltado ao exame público de aproximações conceituais, hipóteses de trabalho, métodos investigativos e resultados torna-se ainda mais pungente. Cada vez mais distantes de lógicas que tomam *o método* como fonte produtora de verdades, e admitindo o gesto de pesquisa como oriundo de tensionamentos recursivos entre teoria e empiria, as ciências então classificadas como *humanas* e *sociais* assumem, para si, uma natureza epistêmica instável, questionadora, inclusive, do próprio lugar científico. Nesse contexto, as comunidades científicas tornam-se, por excelência, *epicentros* estruturadores dos processos de produção de conhecimento, apresentando-se como âmbitos fulcrais à verificação, à qualidade e à validade dos saberes emergentes em torno das chancelas científicas. Mas não é só a validade do conhecimento que move as comunidades de saberes: os afetos também guiam experiências comuns e trocas capazes de oferecer outras luzes aos fazeres em pesquisa. Deixar-se guiar também pelos afetos, implicar permitir-se mover pela situação comunicativa, como ponto de partida da reflexividade. Não se trata de extrair uma representação mais rica de tal situação, mas de aceitar mergulhar no concreto, no vivido, na porção parcial, local, específica, relacional e estética da experiência. Se deixar afetar pode nos levar a repensar e reconstruir nossa posição, nossas convicções, nossa ideia de justiça, modificando a percepção que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo.

No caso dos estudos em comunicação organizacional, subcampo vinculado à área de Comunicação, a configuração, o fortalecimento e a constância das comunidades científicas têm contribuído decisivamente para a produção da validade dos estudos engendrados e para a produção

de percursos mais intensamente marcados pelas articulações e afetos. Nesse lugar, as trocas argumentativas, as dinâmicas de aceitabilidade e refutabilidade, os movimentos de exposição pública e de tensionamento, a construção de alianças a partir do diálogo sistemático entre pares, constituem um rico sistema de encaixes e rearranjos constantes. Esse movimento torna possível, a curto prazo, tanto a qualificação de hipóteses, métodos e recortes de estudo, bem como, a médio e a longo prazo, a emergência de premissas teóricas que passam a fomentar consensos mínimos ao subcampo. Essa é a perspectiva que nos interessa e provoca nossa reflexão: tomar a comunicação organizacional como processo de construção, ruptura e de constante reorganização, como ocorrência que afeta indivíduos e coletividades, que é ordenado através de narrativas e discursos, que convoca e constitui públicos específicos, que descortina campos problemáticos em parceria com a intervenção dos sujeitos sociais.

Em contextos de exceção, fica mais evidente como a pesquisa ganha corpo em um processo que se constitui no embate constante com regimes de controle e sujeição, sem necessariamente rompê-lo: o que há é uma constante articulação e rearticulação de forças, posições de sujeito e modos de existência, de maneira a questionar as hierarquias e a deslocar formas de visibilidade e legibilidade que impedem o aparecimento o reconhecimento de sujeitos e de suas demandas. Há um desenho constante de relações que permitem um outro uso dos tempos, dos espaços e dos saberes de modo a favorecer as experimentações e as rupturas do que já está dado, das expectativas e dos roteiros de ação que não abrem brechas para o inesperado. Pesquisar em contextos de exceção nos coloca o desafio de não mais privilegiar uma forma de organização da experiência que se dá a partir da relação linear de causas e efeitos, da previsibilidade, da associação mais aproximada possível entre o que estaria previsto e o que de fato acontece. Quando o tempo da elaboração das experiências coletivas é tolhido pela pandemia e controlado por uma imposição governamental e institucional, fica mais difícil criar contextos para as experimentações e dissensos. Contudo, ainda é possível apostar no trabalho de desmontagem das explicações previsíveis do mundo, é possível pensar em uma comunicação que transforme

os contextos organizacionais pelo deslocamento das maneiras habituais de lermos e entendermos os acontecimentos, tecendo um outro imaginário, outras chaves de leitura e compreensão outras práticas ativadas pela recusa da hierarquia e das desigualdades que regulam tempos, espaços e existências.

É enquanto reverberação dessas práticas que o V Seminário Internacional de Comunicação Organizacional (Sico) vem cumprindo, desde sua primeira edição, um papel fundamental ao fortalecimento dos estudos da área, a partir do estabelecimento de redes de diálogo entre pesquisas realizadas em diferentes partes do Brasil, em interação sistemática com instituições internacionais. Nesta edição, o Grupo de Trabalho (GT) *Estudos em Comunicação Organizacional* da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) teve a oportunidade de unir esforços junto às entrosadas e competentes equipes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo parte de sua comissão organizadora.

Este livro, como simbólico resultado que reúne algumas das principais discussões e pesquisas socializadas no evento, apresenta-se como registro público dos diálogos produzidos, a partir de uma espécie de localização e disponibilização possível de tendências teóricas, metodológicas e analíticas, presentes em alguns contextos investigativos da comunicação organizacional e intercambiadas durante os dias do evento. Desejamos vida longa ao evento e esperamos fortalecer ainda mais essa parceria entre o GT da Compós e o Sico nas suas próximas edições.

Rennan Mafra e Rudimar Baldissera
Coordenadores do GT Estudos em Comunicação
Organizacional da Compós, na ocasião do evento.